

LICÃO 9 – A FAMÍLIA E A SEXUALIDADE

Subsídio sendo elaborado por Inacio de Carvalho Neto, atualizado constantemente até 01/06/13. E-mail do autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto áureo:

GÊNESIS 1

27 E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.

- Tanto o homem quanto a mulher foram uma criação especial de Deus, não um produto da evolução (ver também Mt. 19.4; Mc. 10.6). O homem e a mulher, igualmente, foram criados à imagem e semelhança de Deus. À base dessa imagem, podiam comunicar-se com Deus, ter comunhão com Ele e expressar de modo incomparável o seu amor, glória e santidade. Eles fariam isso conhecendo a Deus e obedecendo-O (Gn. 2.15-17). Temos aí o nosso mais elevado conceito religioso.

- Não vemos aqui os detalhes do ato criativo da mulher, que só figuram em Gn. 2.4 e seguintes. Alguns estudiosos insistem em que os dois relatos foram escritos em dois tipos históricos de hebraico, o que refletiria diferentes fontes. Neste caso, algum editor reuniu esses informes, como se o segundo fosse uma espécie de suplemento do primeiro.

- Alguns intérpretes judeus afirmam, de modo muito absurdo, que a criação original (Gn. 1) foi um ser hermafrodita, homem e mulher ao mesmo tempo, dois corpos, criados costa com costa. Mas a maioria dos estudiosos prefere pensar que o segundo relato suplementa o primeiro, conforme diz o ponto de vista conservador.

- Os corpos do homem e da mulher foram formados na terceira etapa da criação de Deus, mas a sua vida foi criada. A criação do homem não foi realizada apenas por uma ordem divina, mas algo decidido por um conselho divino (Gn. 1.26-28). Portanto, Deus criou o homem à sua própria imagem. O homem foi uma obra de Deus, não de moléculas ou de macacos.

- Eles tinham semelhança moral com Deus, pois não tinham pecado, eram santos, tinham sabedoria, um coração amoroso e o poder de decisão para fazer o que era certo (Ef. 4.24). Viviam em comunhão pessoal com Deus, que abrangia obediência moral (Gn. 2.16-17) e plena comunhão. Quando Adão e Eva pecaram, sua semelhança moral com Deus foi desvirtuada (Gn. 6.5). Na redenção, os crentes devem ser renovados segundo a semelhança moral original (Ef. 4.22-24; Cl. 3.10).

- Adão e Eva também possuíam semelhança natural com Deus. Foram criados como seres pessoais tendo espírito, mente, emoções, autoconsciência e livre arbítrio (Gn. 2.19-20; 3.6-7;

9.6). Deus, aqui, é, no original hebraico, *Eloim*. Toda a estrutura da frase mostra que havia unidade agrupada com pluralidade (ver, a este propósito, Gn. 3.22).

- O movimento raelianista afirma que este texto refere à clonagem dos *elohim*. Com isso, está querendo dizer que o homem é o criador de suas próprias imagens e semelhanças. A ideia de que a raça humana é fruto de uma criação alienígena remonta a 1968, quando Erick Von Daniken lançou seu livro *Eram os deuses astronautas*. Como as demais seitas ufológicas, os raelianos apenas adaptaram essa ideia antiga à sua filosofia. A Bíblia, contudo, ensina que a vida só é possível pelo ato criador. Mesmo que no espaço existam planetas semelhantes ao nosso, lá só existirá vida se o Senhor a tiver criado. E o que não está revelado, não é para sabermos ou especularmos (Dt. 29.29).

- Em certo sentido, a constituição física do homem e da mulher retrata a imagem de Deus, o que não ocorre no reino animal. Deus pôs nos seres humanos a imagem pela qual Ele aparecia visivelmente a eles (Gn. 18.1,2,22) e a forma que Seu Filho um dia viria a ter (Lc. 1.35; Fp. 2.7; Hb. 10.5).

- O fato de seres humanos terem sido feitos à imagem de Deus não significa que são divinos. Foram criados segundo uma ordem inferior e dependentes de Deus (Sl. 8.5).

- Toda vida humana provém inicialmente de Adão e Eva (Gn. 3.20; At. 17.26; Rm. 5.12). A criação em macho e fêmea é reafirmada em Gn. 5.2 e Mt. 19.4. Todas as outras criaturas também foram feitas macho e fêmea.

- O homem concebe Deus conforme a sua imagem, quando, na verdade, foi o homem que foi criado à imagem de Deus. Em suas muitas religiões e denominações, homem cria um Deus segundo a sua própria imagem humana. Os muitos “deuses” concebidos pelo homem são realmente pequenos.

- A maior parte dos advogados da evolução não acha lugar para a alma. Pensam apenas em termos do corpo físico, e, para eles, nisso consiste o homem total. Alguns poucos, contudo, como MC Taggart, presumem que o mais exaltado produto do processo da evolução é a alma. Todavia, eles formam uma minoria. Se o texto de Gn. 1.26-27 nada ensina sobre a alma, então nem o primeiro capítulo do Gênesis nem a evolução falam sobre o homem real, a alma imortal conforme nós o conhecemos com nosso avançado conhecimento. A pessoa espiritual, no entanto, pode ter percepções que vão além de seu próprio tesouro de conhecimentos.

Texto da leitura bíblica em classe:

1 TESSALONICENSES 4.3-5; 5.23; 1 PEDRO 1.14-16

1 TESSALONICENSES 4

3 Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição,

- Embora vivessem numa sociedade onde o pecado sexual era comum e aceitável, os apóstolos não transigiam com a verdade a santidade de Deus. Não rebaixaram os padrões morais para acomodá-los às ideias e tendências daquela sociedade. Sempre que se deparavam com baixos padrões morais em alguma igreja (cf. Ap. 2.14,15,20), repreendiam-na e procuravam corrigi-la.

- Considerando a baixa moralidade que prevalece em nossos dias, precisamos de dirigentes do tipo dos apóstolos, para conclamar a igreja a obedecer aos padrões divinos de retidão.

- Deus determina para todos os crentes normas elevadas de pureza e santidade concernentes a assuntos sexuais.

- Quando Paulo fala na vontade de Deus, está em pauta aqui o que Deus quer, que deseje, em consonância com seus desígnios acerca do elevado destino do homem. Paulo alude aqui às exigências morais próprias da fé cristã. Ele os exortara no Senhor Jesus (ver 1Ts. 4.1); e também lhes dera instruções através do Senhor Jesus, ou seja, por sua autoridade e por impulso conferido por ele. Mas agora mostra o apóstolo que Deus quer aquilo que nos ensina ser a vida moral necessária. Com tais declarações o apóstolo queria salientar que suas ideias não eram meramente as de um judeu radical, mas antes, representavam a exigência divina acerca do discipulado cristão. Paulo já recomendara aos crentes tessalonicenses que agradassem a Deus (1Ts. 4.1) e agora mostra-lhes o que isso significa, na prática da vida real.

- A Bíblia cita ao menos 14 exigências da vontade de Deus: 1) abster-se da fornicação e de todo tipo de pecado sexual (1Ts. 4.3; Mt. 5.32); 2) saber como possuir o seu vaso em santificação e honra (1Ts. 4.4); 3) não viver na paixão da concupiscência ou desejo sexual incontrolável, como a dos gentios, que não tinham limites (1Ts. 4.5; Cl. 3.5); 4) não defraudar a seu irmão seduzindo a mulher do outro, contaminando-a e destruindo um lar (1Ts. 4.6, que se refere ainda a pecados sexuais e não a enganar, visto que o contexto aborda a impureza sexual até o v. 7); 5) andar em santidade, não na imundícia da perversão sexual (1Ts. 4.7; Rm. 1.24); 6) não desprezar os homens (1Ts. 4.8); 7) amar uns aos outros (1Ts. 4.9; 1Co. 13); 8) crescer em amor (1Ts. 4.10; 3.10); 9) procurar viver quietos (1Ts. 4.11; 2Tm. 2.15); 10) ser diligentes nos negócios (1Ts. 4.11); 11) trabalhar com as próprias mãos (1Ts. 4.1; 1Co. 4.12; Ef. 4.28; 2Ts. 3.10); 12) andar honestamente diante dos homens (1Ts. 4.12); 13) ter uma esperança viva (1Ts. 4.13-17); 14) consolar uns aos outros (1Ts. 4.18).

- Santificação é, no original grego, *hagiasmos*, também traduzido por consagração. *Hagiamos* é traduzido por santificação em Rm. 6.19,22; 1Ts. 4.7; 1Tm. 2.15; Hb. 12.14; 1Co. 1.30; 1Ts. 4.3,4; 2Ts. 2.13; 1Pe. 1.2; Jo. 17.17.

- *Hagiamos* refere-se ao processo que leva o crente a tornar-se uma pessoa dedicada, santa, baseada em um início implantado quando da conversão, reconhecido diante de Deus, mas também concretizado nele através de sua transformação moral. O alvo final é a perfeita concretização dessa santidade no indivíduo, de modo que a própria santidade de Deus Pai seja plenamente absorvida (ver Mt. 5.48 e Rm. 3.21). Somente essa forma de santidade é aceitável por Deus; e todos os seres que habitam nos lugares celestiais e, portanto, estão próximos de Deus, devem ser santos como Deus é santo.

- A conversão e a justificação são as sementes da santificação. A justificação, conforme os termos paulinos, realmente inclui aquele processo que se chama santificação, ainda que os reformadores protestantes, sobretudo Lutero, tenham feito clara distinção entre uma e outra doutrina, provavelmente no zelo de procurar preservar a justificação isenta de qualquer pensamento de esforço humano. Todavia, essa distinção não é paulina, pois a justificação é para a vida, onde há comunicação de vida santa, e não apenas um “decreto forense” de Deus, que declara que o crente está “posicionalmente” perfeito em Cristo. É verdade que essa declaração forense está envolvida, mas está envolvida mais do que isso. Consiste em realmente aperfeiçoar o crente, mediante a influência do Espírito Santo; e isso pode ser chamado de santificação “progressiva” ou “presente”.

- A linha divisória entre a justificação e a santificação é muito tênue, se é que realmente existe. A justificação, em seu sentido pleno, torna-se real e vital na santificação, que é a operação do Espírito Santo que torna o indivíduo dedicado e santo e que, assim, finalmente, vem a tornar-se tão santo quanto o próprio Deus (ver Rm. 3.24,28). A “santificação” tem um aspecto passado, obtido quando da conversão; há também a santidade presente (ver Gl. 5.22,23), que vai ser paulatinamente implantada pela ação e poder do Espírito; e há também um aspecto futuro da santificação, quando todo o resquício de pecado será tirado, quando o indivíduo tornar-se finalmente participante das qualidades morais positivas de Deus, e não meramente santo como Deus, ou seja, pleno de bondade, de justiça e de amor, e esse é o alvo na direção do qual estamos sendo levados pela santificação. Ora, é a transformação de nossa natureza moral que produz uma transformação correspondente da própria natureza e divindade de Cristo (ver Rm. 8.29; 2Co. 6.17).

- No tocante à santificação, convém considerar que: 1) ela é a separação do crente para Deus e para o seu serviço (ver Sl. 4.3; 2Co. 6.17); 2) é uma realização divina (ver Ez. 37.28; 1Ts. 2.23 e Jd. 1), por meio de Cristo (ver Hb. 2.11 e 13.12) e através do Espírito Santo (ver Rm. 15.16; 1Co. 6.11 e 1Ts. 4.8); 3) consiste na comunhão com Cristo (ver 1Co. 1.2); 4) depende do valor da expiação pelo sangue de Cristo (ver Hb. 10.10 e 13.12); 5) realiza-se mediante a energia da palavra de Deus (ver Jo. 17.17,19 e Ef. 5.26); 6) Cristo é o nosso mais elevado exemplo de santidade, porquanto ele é a nossa santificação (ver 1Co. 1.30); 7) a eleição leva a efeito esse alto objetivo, por meio da santificação, não podendo esse alvo deixar de ser concretizado na vida do crente regenerado, visto que é um dos elos da cadeia de ouro que nos leva à glorificação (ver 1Ts. 2.13 e 1Pe. 1.2); 8) a igreja se tornará gloriosa por meio da santificação (ver Ef. 5.26,27); 9) conduz o crente à presente mortificação da natureza pecaminosa (ver 1Ts. 4.3,4); 10) conduz o crente àquela santidade no íntimo, sem o que ninguém verá a Deus (ver Rm. 6.22; Ef. 5.7-9 e Hb. 12.14); 11) torna aceitável para Deus a “oferta” dos santos (ver Rm. 15.16); 12) a vontade de Deus é que os crentes sejam santos (ver 1Ts. 4.3); 13) também é mediante a santificação que os ministros de Deus são separados para o serviço divino (ver Jr. 1.5); 14) deveríamos orar insistentemente para que os crentes participem plenamente da santificação (ver 1Ts. 5.23); 15) sem a santificação, ninguém poderá herdar o reino de Deus (ver 1Co. 6.9-11).

- Já quanto à inteira santificação, notemos que: 1) bíblicamente falando, isto é declarado impossível para a vida atual (ver 1Jo. 1.8); 2) a experiência mostra que tais declarações de inteira santificação são falsas; 3) as pessoas que declaram que têm alcançado a perfeição sempre reduzem a definição do pecado para ter a capacidade de viver (em algum grau) suas declarações; 4) a santificação inclui a participação positiva nas virtudes morais de Deus (Gl. 5.22,23); deste ponto de vista, a santificação deve ser um processo infinito, eterno (ver Ef. 3.19 sobre a nossa participação na plenitude de Deus); a perfeição, atualmente, é o alvo; a perfeição de Deus sempre será o alvo de nosso viver.

- Em termos gerais, tudo isso está envolvido no processo de sermos separados ou dedicados para um ser santo, para seu uso, para seu serviço, tanto nesta terra como nos céus, tanto no tempo como na eternidade. Deus santifica, Cristo santifica e o Espírito Santo santifica (conforme declaramos acima), mas o próprio crente também se santifica, cedendo à influência divina e aplicando os meios normais de adoração e purificação, como a oração, o estudo da Palavra e a meditação, além da inquirição pelo Espírito Santo. Esses são meios que competem ao crente aplicar a si mesmo, a fim de que o Espírito Santo, por sua vez, opere sua obra santificadora (ver Lv. 11.44; Js. 7.13 e 2Co. 6.14-18, onde a responsabilidade da santificação é imposta ao homem).

- A santificação consiste na transformação moral do crente, segundo a imagem de Cristo. Por isso mesmo, torna-se necessária a comunhão com ele, para que haja essa realização (ver 1Co. 1.4 e 2Co. 3.18). As experiências espirituais específicas podem intensificar a busca e fornecer vitórias especiais no terreno da santificação; mas nenhuma experiência poderá entregar tudo para nós. De fato, na qualidade de seres mortais, não somos ainda o tipo de seres que possa ter a santidade em seu sentido mais completo, conforme é explanado acima. É mister que o indivíduo receba a natureza divina e esteja habitando nos lugares celestiais, antes de poder dar os passos gigantescos, no passo da perfeição moral que podemos intitular de “inteira santificação”. Trata-se de uma inquirição eterna, e não meramente da terra ou dos céus, como se, por ocasião da partida do crente deste mundo e de sua entrada nos lugares celestiais tudo pudesse ser atingido automática e repentinamente. Pelo contrário, esse exaltado alvo está sendo atingido; e nisso consiste a própria existência do crente, nisso consiste a própria natureza da vida eterna – tornarmo-nos cada vez mais semelhantes a Deus.

- A santificação tem sido reduzida a um “sacramento”, porquanto muitos estudiosos supõem que, na igreja Católica Romana, a santificação é conferida através da comunhão mística com o Espírito de Deus mediante sua presença habitadora e contínua. Certamente que isso não envolve um processo legalista. Não pode a santificação ser atingida mediante a observância consciente de algum código legal.

- Abster-se, no original grego, é *apecho*, que significa “distanciar-se de”, “manter-se afastado de”, “abster-se” (comparar com Rm. 13:14, que diz: “...não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências”).

- Prostituição, no original grego, é *porneia*, derivado de *porne*, que significa prostituta. Todavia, essa tradução “prostituição” (usada, entre outras, na Almeida Revista e Corrigida – ARC – e na Almeida Revista e Atualizada – ARA) é por demais limitada, porquanto sugere o tráfico comercial do sexo. “Fornicação” (ou *fornication*, como usado na King James Version – KJV – a versão da Bíblia mais usada na língua inglesa), igualmente, é tradução muito estreita, porquanto tal palavra indica “pecado sexual antes do casamento”. Antes, conforme qualquer bom léxico nos mostra, tal vocábulo indica o “abuso geral do sexo”, o uso ilícito dos impulsos sexuais. Portanto, estão em foco todas as variedades desse tipo de pecado. Portanto, uma excelente tradução neste caso, seria “imoralidade”, como usado, entre outras, na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), ou, melhor ainda, “imoralidade sexual”, como usado na Nova Versão Internacional (NVI), porquanto isso envolve a ideia geral que caracteriza a palavra grega. Refere-se a qualquer espécie de indulgência sexual ilícita.

- Poderia parecer que, se aqueles discípulos de Tessalônica já tinham sido congratulados por sua fidelidade à chamada cristã, dificilmente precisaram deste apelo particular. Entretanto, devemos lembrar que os crentes tessalonicenses provinham de um ambiente onde a liberdade sexual e a promiscuidade eram consideradas como naturais e inevitáveis, como se fossem expressão da normalidade. Além disso, o povo judaico, de onde provinham os missionários cristãos, era um povo muito mais moralizado, em sua maneira de pensar e em sua conduta; e as exigências especificamente cristãs ainda eram mais severas. Era o nível cristão de vida moral que o autor sagrado tinha em mente.

- O ideal cristão, por igual modo, nega legitimidade à poligamia, embora não haja no Novo Testamento qualquer mandamento direto contra essa prática. Nesse particular o cristianismo exibiu um código moral superior ao do judaísmo. Também falta ao cristianismo qualquer previsão sobre o concubinato, que era extremamente comum no judaísmo e até era sancionado pela lei mosaica. O ideal cristão é a monogamia pura; e qualquer desvio desse ideal é inferior e

pecaminoso, É inferior porque, nos países onde a poligamia é permitida por lei, dificilmente se pode asseverar que um crente se envolve em prática pecaminosa quando possui mais de uma esposa. Não obstante, tal crente não está vivendo à altura do ideal cristão. Pelo menos os líderes cristãos recebem ordem de praticar a monogamia, conforme se aprende em 1Tm. 3.12.

- As religiões pagãs com frequência encorajavam os excessos sexuais, tão longe estavam elas de proibi-los. Não é de admirar, pois, que houvesse problemas dessa ordem em localidades onde Paulo trabalhou entre gentios, como Corinto e Tessalônica. E não há que duvidar que essa continua sendo uma questão crítica até hoje, na moderna igreja evangélica. Paulo quis dizer que os crentes tessalonicenses não podiam mais viver como os devotos de Afrodite, como os *cabiri* ou como os seguidores de outros cultos pagãos, que sancionavam e exaltavam as impurezas sexuais. Há um uso mais elevado para o sexo. Não deve o mesmo ser pervertido (ver Ef. 5.32, onde esse tema é desenvolvido).

- Aqueles que se deixam vencer pelos vícios sexuais não podem herdar e nem entrar no reino celestial (ver 1Co. 6.9). Nossa santificação deve envolver e solucionar esse problema, pois, do contrário, não nos teremos realmente convertido a Cristo.

4 que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra,

- Ao dizer que cada um “saiba”, Paulo quis indicar que a castidade é uma questão que exige autodisciplina e estudo (ver também Ef. 5.17). Esse conhecimento também faz parte da sabedoria espiritual, adquirida mediante o desenvolvimento espiritual.

- O termo “vaso”, aqui, pode se referir ao próprio corpo do homem, que ele deve guardar da fornicção (1Ts. 4.3; 2Co. 4.7; 2Tm. 2.21), ou à sua mulher, que o homem tem o privilégio de possuir no relacionamento conjugal (1Pe. 3.7).

- Há grande divergência a respeito do significado exato da expressão “possuir o seu vaso” (ARC), também traduzida como “viver com sua esposa” (NTLH), “controlar o seu próprio corpo” (NVI), “possuir o próprio corpo” (ARA) ou “possess his vessel” (KJV). Literalmente, a expressão grega usada por Paulo seria traduzida por “procurar vaso”. Figuradamente teríamos “vaso escolhido”. No grego, a palavra é *skeuos*, que quer dizer “vaso”. Já o verbo aqui traduzido por “possuir” é *ptaomai*, que significa “procurar para si mesmo”, “adquirir”, “possuir”, ainda que a ideia de possuir normalmente só seja entendida quando é empregado o tempo perfeito.

- Várias interpretações têm sido dadas ao termo *ekeuos*: 1) alguns pensam estar em foco o próprio corpo do homem crente, e isso tanto entre os intérpretes como entre os modernos; apesar de “obter” não ser verbo coerente com essa ideia, o verbo “possuir” é coerente com a mesma; assim é que Paulo foi um *skeuos* (ou “vaso”) escolhido para o serviço de Cristo (ver At. 9.15); além disso, o corpo do crente é habitação do Espírito Santo, sendo essa a palavra (*skeuos*) usada para indicar isso em Testamento de Naftali 8.6; por igual modo, o corpo de Cristo foi aludido como instrumento do Espírito, em Barnabé 7.3 e 11.9; nesse caso, a ordem que aqui se encontra significaria que o crente varão deveria saber como controlar-se acerca de seus impulsos sexuais, para poder conservar a honra e a santidade cristãs; 2) outros estudiosos pensam estar em foco os próprios órgãos sexuais do homem; esse uso é apoiado por Antistius (século I D. C., em *Anthol. Plan 4,243* e *Aelian*, N. A., 17,11); se porventura esse foi o intuito do escritor sagrado, então o mesmo sentido geral é tencionado, conforme a proposição da primeira posição; 3) há também eruditos que acreditam que Paulo se referia à esposa; o trecho de 1Pe. 3.7 aplica tal uso do

termo; essa referência é frequente na literatura rabínica (ver Schottgen, *Horae Hebraico*, I 827; Talmude *Bab, Moed, Katon*, fol. 7,2 e 15:2); mui provavelmente esse é o sentido tencionado.

- Todavia, o sentido exato deste versículo ainda nos será desconhecido enquanto não compreendermos de que modo foi usado o vocábulo grego *ptaomai*. Com frequência aparece com o significado de “obtenção”, quando se referia a esposas (ver RT. 4.10 na Septuaginta). Se porventura esse é o uso do termo neste ponto, então Paulo recomendava um meio de ser evitada a imoralidade, a saber, através da busca e obtenção de uma esposa. Outrossim, até mesmo essa busca, o processo do namoro ou noivado, deveria ser governado pela santidade cristã, de modo honroso. Isso proíbe qualquer ato sexual pré-marital, até mesmo com o cônjuge futuro, bem como ordena o controle sobre as carícias que tendem para a concupiscência.

- Além disso, se a palavra deve ser entendida com o sentido de possuir, nesse caso a ideia da santidade e da forma deve ser aplicada até mesmo aos casais já devidamente casados. Nesse caso, todas as questões sexuais, até mesmo dentro do matrimônio, devem ser controladas pela moderação cristã, pela santidade e pela honra. O sentimento religioso deve permanecer e controlar o casamento, e não apenas as paixões das pessoas casadas. Portanto, não somente o varão crente deve resguardar-se do sexo ilícito, mas até mesmo dentro do matrimônio as relações sexuais devem ser controladas pela santidade cristã. Paulo não aborda detalhes, e nem precisamos nós fazê-lo. Basta dizer que pode haver abuso do sexo até mesmo dentro do casamento. Pode ser excessivo ou pode lançar mão de vários vícios e perversões. Naturalmente, Paulo quis dar a entender que tanto o marido como a mulher devem ser fiéis um ao outro, mas também quis ensinar que não se deveria permitir que excessos e perversões penetrassem nas relações matrimoniais. O homem que honra sua esposa evitará contatos sexuais ilícitos, fora do lar, mas também respeitará o padrão neste particular. Mas, quando o marido sobe ao leito nupcial deveria chegar ali como um homem casto para sua esposa casta.

5 não na paixão de concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus.

-

1 TESSALONICENSES 5

23 E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

- Alma, no original grego, é *psuche*, também significando vida, ou parte espiritual, em contraste com o corpo, a matéria, ou o espírito que retém a forma e o tamanho de seu dono quando vivo, ou a sede dos desejos, sentimentos, paixões, apetites e emoções.

- *Psuche* é a única palavra traduzida como “alma” no Novo Testamento. Ela ocorre 105 vezes. É traduzida como “alma” 58 vezes; “vida”, 40 vezes; “mente”, 3 vezes; “coração”, 2 vezes; “nós”, 1 vez; “vós”, 1 vez. *Psuche* corresponde ao termo hebraico *nephesh*, no Antigo Testamento (Jó 14.22). Exemplos: At. 2.27 com Sl. 16.10; 1Co. 15.45 com Gn. 2.7 etc. A alma é imortal (1Pe. 3.4).

- A palavra *psuche* é usada: 1) para animais (Ap. 8.9; 16.3); 2) para o homem como um indivíduo (At. 2.41,43; 3.23; 7.14; 27.37; Rm. 2.9; 13.1; 1Co. 15.45; Tg. 5.20; 1Pe. 3.20; 2Pe. 2.14; Ap. 6.9; 18.13; 20.4); 3) para a vida do homem, que pode ser perdida, destruída, salva etc,

neste caso sendo traduzida como “vida” (Mt. 2.20; 6.25; 10.39; 16.25; 20.28; Mc. 3.4; 8.35; 10.45; Lc. 6.9; 9.24,56; 12.22-23; 14.26; 17.33; Jo. 10.11-17; 12.25; 13.37-38; 15.15; At. 15.26; 20.10,24; 27.10,22; Rm. 11.3; Fp. 2.30; 1Jo. 3.16; Ap. 12.11); 4) para a vida do homem, mas traduzida como “alma” (Mt. 10.28; 16.26; Mc. 8.36-37; Lc. 12.20; 21.19; 1Ts. 2.8; 5.23; Hb. 4.12; 6.19; 10.39; 13.17; Tg. 1.21; 1Pe. 1.9; 2.11,25; 4.19); 5) em relação ao homem para enfatizar o seu eu, como “minha alma” ou “eu mesmo” (Mt. 11.29; 12.18; 26.38; Mc. 14.34; Lc. 1.46; 12.19; Jo. 12.27; Hb. 10.38; 1Pe. 1.22); 6) para descrever as faculdades de um ser (Mt. 22.37; Lc. 2.35; 10.27; At. 4.32; 3Jo. 2; Ef. 6.6; Fp. 1.27).

- O corpo é a casa da alma e do espírito; volta ao pó na morte (Gn. 3.19) e se torna imortal na ressurreição (1Co. 15.54-58).

- A palavra “para”, neste versículo, é tradução do original grego *en*, traduzido como “em” em 1Ts. 2.19 e 3.13. É **no** (em+o) arrebatamento que os santos serão separados completamente para Deus e Sua eterna vontade e terão seu corpo, alma e espírito plenamente restaurados (1Co. 15.51-58; Fp. 3.21; Rm. 8.18-25; 1Pe. 1.5,9,13).

- É de se notar que em cada capítulo desta primeira carta de Paulo aos tessalonicenses um aspecto diferente da vida do Senhor é apresentada. Confira-se: 1Ts. 1.10; 2.19; 3.13; 4.13-18; 5.23.

1 PEDRO 1

14 como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância;

15 mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver,

16 porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª. edição. Editora Hagnos, v. 1, 2001.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A família e a sexualidade**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- NEVES, Natalino das. **A família e a sexualidade**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **A família e a sexualidade**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- RENOVATO, Elinaldo. **Lições bíblicas: A família cristã no século XXI – protegendo seu lar dos ataques do inimigo**. Editora CPAD, 2013.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.